

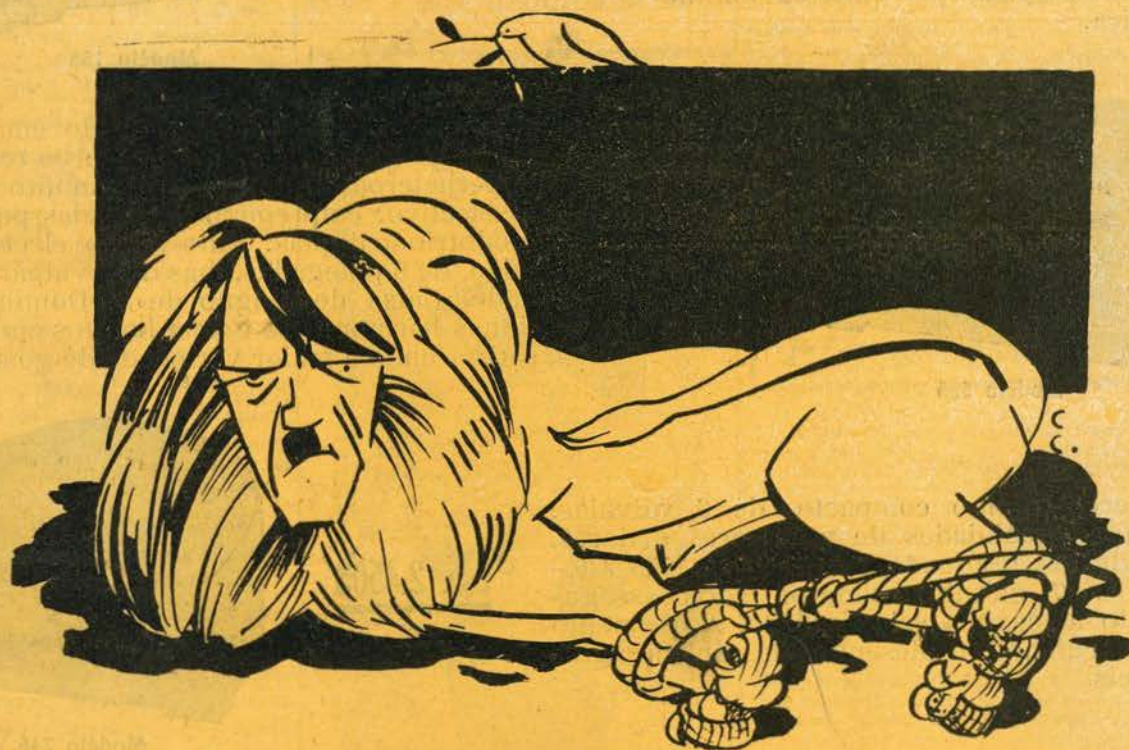


SEMANARIO HUMORISTICO

Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



O MÊDO GUARDA A VINHA



ou o leão da Alemanha, cujas saídas se conhecem, mas ninguém futura quais sejam as entradas

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

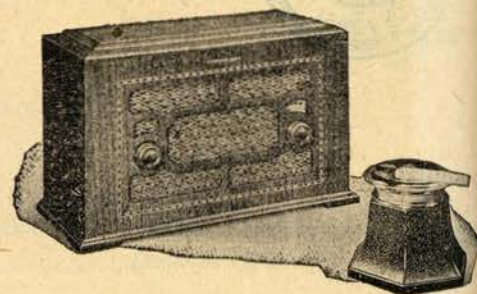
Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

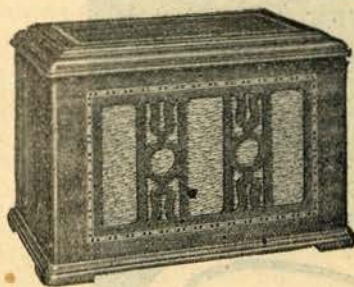
3 soluções económicas de ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização triplo. Caixa de execução cuidada em noqueira.

Esc. 1.000\$



Modelo 155



Modelo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modelo 246

ELECTRÓNIA L.^{da},
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

O ministro das Finanças do Brasil acaba de tomar duas resoluções de capital importância. Consistiu a primeira em determinar que as futuras notas de Banco sejam uniformizadas, substituindo-se as effigies por aspectos pitorescos das diversas regiões do país; a segunda, na criação de uma nova moeda de 300 reis e a adopção do «cruzeiro» como unidade básica do sistema monetário brasileiro.

Achamos bem, e cremos que com estas sábias medidas se resolverá de pronto a crise financeira que está atrasando a grande república de além-mar. Com as notas uniformizadas, deve ser de um grande consólio trazer na carteira, arvorada assim em cartel de bombeiros ou da milícia nacional. Também não é menos agradável que essas notas, em lugar das effigies dos políticos ilustres, estampem aspectos pitorescos do país.

A verdade é que os grandes homens do Brasil não são de molde, pela sua beleza, a tentar qualquer das muitas variedades Egípciacas que à noite deambulam pelo Caís Pharoux e pela Avenida Central, ou se apresentam de manhã seminuas na praia luminosa de Copacabana. Pondo de parte o marechal Deodoro, que era uma beleza de homem com as suas barbas grisalhas bem tratadas, não há por lá nenhum superhomem capaz de alcançar um prêmio — excepto o de consolação — em qualquer concurso de beleza. O brasileiro é, em regra geral, feio, — ao contrario das mulheres, que são, quasi sempre, superiormente lindas. De maneira que as notas, em que as effigies dos presidentes ou dos grandes escriptores apareciam, davam tão molesta impressão aos portadores, que havia quem as gastasse mais de pressa e sem necessidade, só para se ver livre dos amarrachos.

Uma senhora fluminense conheceu-nos nós que, estando para fazer pai

o marido, só pelo facto de receber uma nota com a effigie de Floriano Peixoto precipitou lamentavelmente os acontecimentos, estragando tudo. E outra houve que passou três dias sem dormir, vendo a todo o momento junto do seu leito o espectro do mutilado José de Patrocínio, que ela tinha conhecido por intermédio de uma nota de Banco.

De aqui em diante — louvado Deus! — não acontecerá assim. Em vez das effigies sinistras (sinistras apenas na aparência, claramente) ver-se-ão aspectos pitorescos. Paisagem, ou figura? Não o diz a noticia publicada nos jornais. Se fôr paisagem, quer dos grandes rios quer das montanhas alterosas, valerá a pena encaixilhar as notas,

porque poucos países se avantajam ao Brasil em belezas naturais. Se fôr figura, já o caso muda muito da dita. Deus nos livre de que as notas brasileiras comecem a representar cenas dos antigos *capoeiras* ou episódios modernos do célebre Lampeão. Tampouco desejaríamos vê-las ilustradas com certas peripécias do parlamento carioca. Nem com as que costumam passar-se, nos restaurantes e sitios escosnos, por ocasião do Carnaval.

Melhor se nos afigura a ideia da adopção do *Cruzeiro*. Esta, sim, que marca pela genialidade. Pena é que seja apenas *cruzeiro do sul*, e não chegue nenhuma de essas moedas aos países situados ao norte do equador. A Portugal, por exemplo. Porque acêrca dos portadores de titulos brasileiros a nova reforma monetária é inteiramente muda. E os que em Portugal residem, a-pesar-da prometida aluvião de cruzeiros, continuarão a fazer cruces na bôca.

Marcial Jordão.

Entradas de leão...



...Ou uma beleza de homem

Posta restante

Amarantino — As portas desta casa não tem fechos. Volte se faz favor; mas não repare se uma vez por outra lhe cortarmos alguma coisa.

Linguinhas — A modéstia não fica bem a certas caras. Bem sabe que o consideramos como amigo velho. O desenho que enviou, por vir a lápis não dá fotogravura. Quando fôr assim, tenha paciência e cubra-os a Nanquim. Desculpe, por isso a sua falta.

Alberto H. da Silva — Parece-nos que temos ainda em nosso poder algumas produções suas que irão saindo aos poucos. Não tenha pressa, porque o nosso amigo, é nada mais nada menos que o 103.º da série dos colaboradores. E' bom notar que a ordem numerica não se refere ao valor mas sim à antiguidade.

Zé Leixões — Seria premiada a sua quadra se se pudesse publicar. Mas não pôde. Tinha graça e esperamos mais.

Lérias — Combinado. Achamos esplêndida a ideia e muito necessária para a MARIA RITA. Obrigadíssimos por tudo.

Balancete da semana

Cá temos outra vez a Beatriz,
aquela interessante Beatriz Costa,
gentil entre as gentis,
de que o povo tripeiro tanto gosta.
Não vende, de esta vez, o burriê,
nem, tendo carro, anda na rua a pé.
Vi-a ontem passar num lindo carro,
para os lados do largo do Padrão,
mais veloz que o biciclo do Pigarro,
mais formosa que um dia de verão.
Se ela de mim gostasse,
de-certo eu passaria
tôdas as horas que compõem o dia
a contemplar o alvor da sua face.
E no palco a vedeta poderia
gritar, com tôda a fê,
fitando-me, repleta de alegria:
— «Quem é? quem é
que me namora e me não passa o pé?»

Vi também o Erico, no barbeiro,
a cortar o cabelo:
sempre gentil, mancebo e cavalheiro,
dos anos sem o mínimo flagelo.
Fica a gente a pensar
na mulher de virtude
que lhe cedeu o filtro singular
de conservar a eterna juventude.
Se vai assim a caminhar p'ra trás,
usufruindo o misterioso dom,
inda havemos de vê-lo, hoje rapaz,
e amanhã criancinha, ao biberon.
Um cravo que se muda em açucena.
A continuar assim,
acabará por despontar na cena
ao colo da Carreira ou da Aboim.

N'uma poesia antiga e bem singela,
traçou Guerra Junqueiro esta verdade:
«Se o vinho é bom e se a mulher é bela,
que faz ao caso a certidão de idade?»
Agora, todavia, o vinho novo
não se pode vender;
e em tôda a parte o povo,
que punha muito gôsto em o beber,
protesta e mostra um grande desconsolo.
Mas, quanto a mim, é tolo;
porque afinal o vinho, um grande amigo,
tanto mais nos aquece e reconforta
quanto fôr mais antigo
... e de cepa mais torta.
Isto de coisas novas
nunca dão boas provas.
E por mais novidades que se inventem,
em arte, na ciência — que se fôr —
sempre os maus resultados as desmentem:
o velho inda é o melhor.

Turiddu.

O *Jornal de Noticias*, na descação — aliás pormenorizada e escrita com notável elegância de forma — inauguração da Casa de Saúde de Santa Catarina, inclui, entre a assistência masculina... as irmãs Douteias de Vila do Conde.

Afinal, talvez tenha razão, porque as mulheres são hoje os únicos homens que há em Portugal.

No mesmo *compte-rendu*, os tipos grafos trocaram a primeira letra do apelido do sr. Dr. José Torrinhão substituindo-a por outra consoante que tornou a palavra tudo quanto pode haver de mais *schoking*.

Percalços do officio. Mas ainda bem que lhe não mudaram o sexo, como às Religiosas vilacondenses. Muito ao contrário. Só o que fizeram — supomos — foi enganar-se nas medidas.

Um lavrador de Gondomar queixou-se à policia de que um seu vinhão se tinha apoderado de quatro cascos que ao primeiro pertenciam, deixando-o em grande atrapalhação por se estar no tempo das vindimas.

Compreende-se a atrapalhação do homem. Sem cascos, nesta época, vê-se inteiramente descalço. E é que ninguém pode emprestar-lhos, porque todos os que os tem precisam deles.

Músicas da nossa terra

Novamente, Fausto Neves o incansável compositor de Espinho, nos deliciau com uma composição da sua lavra. A-pesar-de ser da beira-mar, sua música não é pescada nos albufeiras estrangeiros, e em tôda ela vibra o riso das nossas raparigas.

Vareira, assim se chama a nova produção do Fausto, cheia a marisqueira que consola, e é composta sobre letra de Carlos de Morais.

E dito isto, julgamos ter dito tudo porque Carlos de Morais além de ser conhecido e festejado nas lides literarias do norte, é nosso amigo e bom colaborador.

Obrigado, ó Fausto!...

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonificação

Teléfono, 5422

PROJECCÕES DE BRAGA

"Centro Fotográfico" e a elevada temperatura do barómetro — Melhoramentos Teatrais — As Normalistas e os cardumes — O gado de Angola vai verter águas em Lisboa

Com a vinda das chuvas desapareceram as mósas e uns resíduos de que ainda existiam.

Pois, apesar do tempo se apresentar bastante agreste, o barómetro proprietário do "Centro Fotográfico" (vulgo Caeiro) continua a marcar graus, não sabemos se Centígrados se etílicos, visto o barómetro proprietário estarem em permanente monia.

O sócio "Tabaqueiro" acusa inelmente 42 à sombra... das chegando a esquentar algumas

Com uma tão elevada temperatura "Centro" não é de estranhar que regueses sejam esturrados e as fressas cheirem a chamusco.

Como não podia deixar de ser, reações de Teatro-Circo.

bons preços, boas cadeiras, belíssima assistência, esplêndidas fitas e um empresário que é um amor. Claro que isto é paleio dos períodos da terra para continuarem usuários das respectivas *borlas*, por uma boa verdade, está tudo na fama.

A mais, apenas um *paninho de encarnada* cobrindo o *écran*, que somos destinado a velar as cenas escabrosas aos pudibundos olhados *meninos históricos*.

As meninas são incomparavelmente mais realistas; preferem as fitas a *gaze*... ao natural.

O ano lectivo findo foi pródigo em *casas*, que, diga-se de passagem, é o género de caça mais abundante na nossa região.

Todavia, a mocidade estudiosa não assiste.

Liceu, Escolas, Comercial e Normal, Institutos e Colégios de via reduzida, perfeitamente à cunha.

Predomina o elemento feminino sempre ávido de instrução e de contacto com o que outrora foi privilégio de *sexo rijo*.

Decididamente a mulher vai nas *ras de estalar* e... já tem *estalado* a força do calor.

O Magistério Primário está completamente transformado num jardim encantadoras flores, em botão algumas, embutidas as restantes. Não se dá agora ocasião própria para acabar a crise dos jardineiros?!!

Do *Correio do Minho* de 10 do corrente, transcrevemos a curiosa notícia que se segue:

Abastecimento de águas

A Câmara de Lisboa vai começar brevemente a importar em larga escala, para abastecimento da capital, gado vindo de Angola.

Desconhecemos em absoluto que relação possa existir entre o gado vindo de Angola e o abastecimento de águas na cidade alfacinha.

Porém, outro tanto não sucede com a Câmara Municipal da capital que encontrou na importação do gado das colónias solução para a crise *aquática*.

Lamentável é que o gado do continente não possa por sua vez resolver este magno problema na capital minhota, porque, à semelhança do que se fará em Lisboa, a nossa Câmara,

OS MEUS BONECOS

XIV

MARCELINO DOMINGO



El gran jefe del movimiento de recuo & avanço de nuestros hermanos

com quatro vacas regionais junto ao *castiçal* da Arcada, talvez conseguisse líquido suficiente para satisfazer todas as "Pipas" da cidade.

Felizmente verifica-se que o remédio existe, divergindo apenas na procedência de gado.

O gado colonial, certamente é *hidrópico*, enquanto que o da metrópole, na nossa opinião... é simplesmente *leiteiro*.

Aguardamos que o *Correio* nos informe do dia em que o gado principiará a *verter águas* em Lisboa.

Sal & Pimenta.



Há dias, um rapaz desta cidade matou a amante porque a... amava muito, porque a amava demasiado. Tendo sido ele o seu reles sedutor, tendo-a depois enfronzado na senda do vício, acabando por viver às suas sopas, matou-a porque... não queria que ela se enterrasse mais no lódo da perdição.

Faz isto sentido? Parece que sim. Pelo menos o nosso popular *Jornal de Noticias* dedicou-lhe a sua melhor página, a mais berrante parangona, os mais formosos epítetos. E com tal calor e tal romantismo se refere aos dois infelizes, tal auréola de heróis lhes faz resplandecer na fronte iluminada que eu ontem, chegando a casa e encontrando a patroa espapaçada num sono de farta digestão, pé ante pé fui-me à gaveta da mezinha de cabeceira, rapei da pistola que lá tinha, encostei-lha ao ouvido e zás... Valeu-me a pistola ser de barro para não andar agora o meu retrato nos jornais e o meu nome, em frases gemidinhas, nas quadras coxas dos cantores de esquinas.

Por aqui, por ali, por todos os cantos da cidade, armaram-se uns guarda-sois de palha debaixo dos quais gentis cachopas vendem uva a granel. É a *feira da uva*, da bela uva que refresca a tripa, vitaminisa o corpo e remoça a alma.

Nalgumas barracas, confesso, tal é a frescura das raparigas que as vendem, (raparigas em que os olhos grandes parecem feitos de dois bagos de Alicante), que apetece comprar e deglutir os saborosos cachos. Noutras... até as uvas nos parecem passas...

Mas se estamos na *feira da uva*, porque se não aproveita tão azada oportunidade, deixando fazer o gosto ao dedo (ao dedo e ao resto) a todos esses desenfreados nudistas, consentindo que realizem a sua tão almejada *semana da parra*?

Dr. Ox.

Matar o bicho

O sr. Braz, inválido da grande guerra a quem uma inofensiva granadazinha deixara o corpo *que era um gosto vê-lo*, como costumava dizer, ufanamente, a sua feliz consorte, tinha apenas um vício que nunca fora capaz de perder.

Todos os dias, mal o sol mostrava o seu cariz vermelho, lá ia ele à tenda mais próxima, matar o bicho com uma copada da *rija*. Manca que manca, lá se instalava ao balcão da tasquinha não descansando enquanto lhe não dessem a *receita*, como ele lhe chamava.

Mas, tirante este vício, era o sr. Braz uma excelente pessoa, gastando os seus dias por casa a tratar da criação, em serviços tão leves quanto lho ia permitindo a sua perna trôpega.

Ora um dia, o diabo tece-as, notou que lhe iam desaparecendo as melhores aves da capoeira, roubadas naturalmente por qualquer bicho noturno, fuinha ou gato bravo. E logo ali, apolético, jurando exterminar o raptor

das suas queridas aves, berrou, fora de si:

— Hei de matar o bicho!

Na madrugada seguinte, noite ainda, munido da sua velha caçadeira, plantou-se nas proximidades da capoeira. Esperou, que se desfêz. Foi-se fazendo o dia. Não tardou que o sol começasse a inundar a terra com os seus raios de luz e do animalejo ruim, nem sinais.

Abriu-se então a porta da sua casa e curioso por saber se o animal noturno tinha pago com a sua vida as vidas das aves que roubara, a mulher perguntou-lhe:

— Então, homem, hoje sempre mataste o bicho?

O sr. Braz, atônito, caiu em si, e largando a caçadeira, respondeu-lhe, já apressado, a caminho da tasca.

— Fizeste bem em falar, mulher. Confesso que hoje me nem tinha lembrado de tal!

Assim, nem nesse dia ele deixou de matar o bicho,

Dr. Knox.



Já é ter confiança!...

Consultório de um especialista de olhos. Muitos aparelhinhos e alguns aparelhões. Letras pelas paredes fazendo lembrar uma escola de instrução primária.

O DISTINTO ESPECIALISTA, a um cliente cego que acaba de examinar — Mantenho o que lhe disse da primeira vez, meu amigo. Embora o seu caso seja bastante difícil, tenho a certeza de que, com a operação que lhe vou fazer, o senhor recuperará a sua vista.

O DOENTE CEGO, de olhos perdidos no espaço, insistindo — Doutor! Veja lá! Compreende que me custaria imenso sujeitar-me a tão melindrosa operação para no fim continuar... tal como estou.

O DISTINTO ESPECIALISTA, sorrindo superiormente — Descanse! De resto, para o bom sucesso destas coisas, é preciso que o cliente acredite no que o médico lhe diz, que confie na sua ciência, que...

O DOENTE CEGO — Mas, doutor! Eu creio em si, na sua proficiência. Tenho até, pelo seu saber, uma grande confiança, uma confiança...

O DISTINTO ESPECIALISTA — Uma confiança cega, bem sei!

Dr. Knox.

Casa de Saúde de Santa Catarina

Realizou-se no passado sábado a inauguração de este novo instituto terapêutico e cirúrgico que, sob a designação acima, começou a funcionar no palacete Sousa Soares, subordinado à direcção competentíssima do sr. Dr. Abel Pacheco.

O edificio, que já de si era esplêndido e parecia destinado para aquele fim — ou não tivesse sido construído por um médico e professor de Medicina — foi ampliado com todo um andar, reformado, pintado, mobilado e decorado a primor. Ficou o que se chama um brinco e o melhor que no género se pode exigir. Deus Nosso Senhor nos dê muita saúde; mas, a termos de adoecer e ser operados, que nos seja facultado o ensejo de nos recolhermos lá, a gozarmos a voluptuosidade de aquelas camas, de aquelas poltronas, de aqueles tapetes e de aquelas suaves pinturas.

E ainda dizem que não há males que veem por bem! Abençoada questão da Lapa, que deu de si aquela admirável Casa de Saúde, que honra o Porto e o país!

MARIA RITA, que também sabe falar a sério quando o caso o demanda, enverga hoje o seu melhor vestido para cumprimentar o sr. Dr. Abel Pacheco e os seus dedicados auxiliares, — ou seja o antigo corpo clínico da Lapa.

Naquela noite e no meio da mais selecta assistência começou o viajante a narrativa dum das suas façanhas na Índia.

— Imaginem, — dizia ele, — que certa noite em que eu mais o cornaca nos dirigíamos sobre o elefante a caminho da floresta, fomos surpreendidos pelo súbito estacar do animal. — Atenção! — avisou o cornaca, — o elefante presentiu qualquer fera.

Nisto vejo a pouca distância dois pontos fosforescentes irradiando sobre mim não sei que estranho mal-estar. Reagi e levando a espina guarda à cara visei o meio dos alvos luminosos. Um rugido estertoroso se seguiu à detonação. Esperamos um pouco, e como nada mais ouvíssemos, aproximamo-nos de arma aperrada até à fera. Estava já morta. Era um soberbo leopardo e media sem exagêro algum seis metros de comprimento desde a ponta da cauda até ao focinho.

A assistência entreolhou-se um tanto duvidosa, mas por espirito de delicadeza, ninguém formulou objecção alguma.

No entanto, um velhote de aspecto simpático pediu autorização para contar também uma peripécia de pesca à baleia, no mar-alto:

— Divisamos, — principiou, — à tona de água uma enorme massa escura que tomamos por um rochedo enquanto nos não apercebemos dum jacto de água que a mesma expelia a uma altura imensa. Era uma baleia descomunal. Aproximos o animal e depois de o trazermos para terra, o cetáceo cobriu com o seu desconforme corpo seis geiras de terreno bem à vontade.

Nesta altura os ouvintes não puderam sustêr-se e no meio da seriedade do ancião largaram-se todos a rir. O nosso viajante escandalizado ao ver que o velhote tinha estado a troçar dele, fez-se amarelo, e dirigindo-se ao donoda casa, informou-o de que nunca mais tornaria lá a pôr os pés se aquele senhor de idade lhe não pedisse desculpa, ou não retirasse o que dissera, pois não estava para ser enovalhado daquela maneira diante de toda a gente.

O dono da casa, todo atrapalhado, contou isto ao ancião e rogou-lhe, que para tudo ficar em bem, pedisse desculpa ao queixoso.

Então, o narrador da aventura piscatória dirigiu-se ao da façanha cinegética, dizendo:

— Eu, quando contei a V. Ex.^a a história da baleia não era para o ofender, porque cada qual tem o direito de narrar o que quiser. (O outro franziu o sobrolho) Todavia para não ficarmos zangados, continuei o velho vamos fazer as pazes. Veja lá o senhor se pode tirar uns metrozitos ao seu leopardo que eu cá pelo meu lado vou ver o que posso tirar à baleia.

Com a cara que o outro ficou não rezam as crónicas.

Elmano Siamor.

N. da R. — Publicamos esta anedota fora da secção respectiva pela consideração que nos merece o seu remetente. Para a secção *A melhor que en sei*, devem, porém limitar-se, como já temos dito várias vezes, a dez ou quinze linhas. Valeu?

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

•
todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

•
AUX GALERIES LAFAYETTE

DESCANSO SEMANAL

Versos amenos e um folhetim que nunca mais devia acabar

Dividimos hoje esta secção em duas partes. A primeira é preenchida por um escritor cheio de qualidades, que temos o gosto de apresentar aos nossos leitores, se bem que ele não necessite das nossas apresentações pois que é já sobejamente conhecido em publicações desta natureza.

E a segunda, onde se continuará a publicação do celeberrimo folhetim de *O Comércio de Gaia*, **BERTA**, da autoria do famigerado escritor sr. Domingos Fernandes Braga, doutorado pela Academia Asnática de Cacia.

Anúncios do "Diário de Notícias"

Castanha á comissão

FORNECE Angelo Rodrigues Pato.
Direcção: Douro — Pala.

Cruzes! Cruzes! Abrenúncio!
Este sócio, que eu descubro,
logo vai pôr este anúncio
no dia 5 de Outubro!

Zéca

QUANDO acabam banhos já é tempo
preciso falar-te I. B. de T.

Então, Zeca! Sua má!
Prove-lhe a sua amizade!
Volte p'ra Lisboa já
que o T. está cheio de saúde!

O seu desgosto é tamanho!
Vá! trate já de voltar!
Cá estou eu, que não me banho...
...por não estar perto do mar!

Dão-se alviçasas

a quem entregar um casal azul de bor-
racha, de senhora, na rua Augusto Maria
da Silveira, n.º 13, 2.º.

Com certeza não se acha
coisa assim, tão sedutora...
— Casal Azul de borracha,
e, para mais, de senhora!...

Renée

ROÍDO de saudades estou proximo
de ti, regressando a Lisboa domingo.

Tão cheinho de ansiedades
deve vir duro como rochas...
Está roído das saudades
ou roído das carochas?

ZECA

EU bem avisei de tudo. Não esquecer
o combinado. Lembra-te da banana. Passet
não vi, I. B. T.

Cá está o Zeca outra vez!
O namorado parrana,
que põe, p'ra ser bom freguês,
três anúncios por semana...

Tem um desgosto taludo
de a não poder ter na mão!
Pode esquecer-se de tudo,
mas... da banana, isso não!

Sensível

ADOREI carta. Mereces t. Coragem!
Ainda Lx. MM.

Sensível como o veludo!...
Sensível e descarada!
Se acha que elle merece tudo,
é melhor... não lhe dar nada!

Aprenda a fazer-se arisca
e não se deixe ir no rol!
— Não vá elle comer a isca
e fugir com o anzol!

Aos chauffeurs

GRATIFICA-SE aquele que entregar
na rua Maria Pia, 270, sapatos de senhora
que por esquecimento ficaram num dos
carros desde essa rua ou rua Saraiva de
Carvalho á estação do Rossio, no dia 22 á
noite.

Logo que este anúncio li,
uma coisa me lembrou:
— Depois de estar no taxi,
para que se descalçou?
Sem os sapatos ficar,
não é dos melhores regalos!
Só lhe posso perdoar
se sofre muito dos calos!

Anfal.

Ai vai a continuação do folhetim
que não comentamos por ser quasi
impossível.

O' estupidez humana! Onde foste tu
descobrir semelhante iguaria? O' cinzas
do Padre António! O' Marmeleiro de
Camilo! Vinde á terra novamente para
lobrigardes de quanto é capaz um es-
critor danado!...

FOLHETIM DE O COMERCIO DE GAIA

BERTA

9 de Outubro de 1933

N.º 12

ROMANCE DE AMOR

POR

DOMINGOS FERNANDES BRAGA

1.ª PARTE

São 9 horas da manhã, e a caminho de
Colimbra parte para a estação de Louzã,
uma vitória conduzindo um sugeito ainda novo
aparentando 37 anos de idade. Veste fato preto
a rigor, e na sua fisionomia baila uma boa
disposição.

O combóio anuncia os primeiros sinais
de partida, e parando á porta, vai em direcção
ao guichê onde compra o seu bilhete,
e logo com certa rapidez, vai tomar o combóio
num compartimento de 2.ª classe.

Abriendo a portinhola, aparece-lhe to-
mando a mala um estudante da Universi-
dade de Coimbra que elle, de relance, parece
conhecer, e subindo dá os devidos agradeci-
mentos e toma o seu lugar.

O estudante, que é muito afável de ma-
neiras, tomado de uma curiosidade, pergunta
ao recém-chegado:

— Desculpe-me V. Ex.ª, mas será com Ruy

Teles, natural de Arganil e comerciante, este
encontro?

— Sim, Sou eu mesmo — responde Ruy.
E a quem terei eu o prazer de conhecer?

— Sou Fernando Luiz da Gama, natural de
Arganil e actualmente frequentando o 3.º ano
de letras na Universidade de Coimbra.

— Estimo muito o prazer da sua companhia
e de mais a mais tratando-se dum meu conter-
raneo. Tenho ouvido falar no meu armazem
da pessoa de V. Ex.ª e familia, porém só
hoje tenho o grande ensejo de pessoalmente
o conhecer.

— Agradeço muito a V. Ex.ª e sempre que
alguma coisa venha a precisar da minha pessoa
durante a sua estada na grande cidade Uni-
versitaria desde já me ponho á disposição de
V. Ex.ª isto sem compromisso algum.

— Desde já me proponho agradecer a
V. Ex.ª esse favor, mas a minha premanencia
é curta, pois venho propositalmente a convite
amistoso, assistir ao doutoramento do meu pre-
claro amigo que V. Ex.ª tambem, na Acade-
mia, deve conhecer, por Carlos Corte-Real.

Tem graça, a minha ida hoje a Coimbra,
relaciona-se tambem com esse mesmo doutora-
mento, e se somos amigos, muito em breve ser-
mos parentes.

Oh! sim? Então V. Ex.ª tem algum ir-
mão com quem elle vá contrair, matrimonio?

— Não. Carlos Corte-Real, vai ser noivo
de facto com uma senhora de Tondella — Bes-
leiros — e eu com uma sua irmã chamada. Ruth.

— Esse nome não me é estranho, pois me
parece pertencer á familia Valadas.

— Exactamente. Eu é que enquanto não

concluir a minha formatura, espero esse
acto só para mais tarde, todavia não tenho
outro remedio porque sou pobre de recur-
sos, e eu não quero tomar estado sem ter a
minha carreira aberta.

— Pensa muito, contudo a familia Val-
adas é rica e por isso mesmo a conclusão da
formatura não impede que se casem antes.

— Pois sim, de mais a mais sou muito
adorado por aqueles que Deus me deu ensejo
de encontrar no meu caminho, mas... há sem-
pre antes de resultados firmes, atavios, dú-
vidas, etc., não parece a V. Ex.ª?

— Sim reconheço que ha sempre essas
pequenas coisas, no entanto eu experimen-
tava das impressões colhidas.

— A minha educação ainda não permitiu
lançar essa rede, pois sou um pouco acanhado
para prescutar o coração de Ruth.

— Ora... ora... admira-me em V. Ex.ª.
— Pois sim... nós temos, como Acade-
micos a fama de sermos ousados, mas os tem-
peramentos são sempre diferentes.

— Então o sr. dr. Corte-Real vai casar
com D. Leonor Valadas?

— Sim, é certo e não virá longe esse dia,
pois já tem tudo mais ou menos resolvido. Na
proxima epoca vai abrir Banca de Advogado,
e conta em breve ser apresentado como candi-
dato á deputado pelo Circulo de Coimbra nas
proximas eleições das Cortes.

— Pois muito me conta, e então eu logo
terei o incomensuravel prazer de felicitar
por tal motivo esse meu querido amigo.

(Continua.)



Ou o Taveira da Lata

QUANDO há dois números nos propusemos tratar d'este assunto por mera brincadeira, nunca supusemos que fôsse tão grande a sua retumbância, nem tão longe chegassem os nossos comentários.

Enganamo-nos, porém, e para comprovação aí vão alguns telegramas, dos muitos que recebemos:

MARIA RITA — Pôrto

OLHÃO — 1/10 — Parabéns gracioso jornal. Congratulo-me decisão MARIA RITA cumprimentando seu intermédio Martins Rei das Conservas.

Fialho.

SETUBAL — 2 — Altura meu cargo não deixa felicitar representante realza conserveira. Afonso Barbosa encarregado por mim beijar majestática mão Martins.

Ramires.

EUROPA INTEIRA — 3 — Destronado pero siempre rei, beso mano

A RAINHA DAS CONSERVAS BEM CONSERVADINHAS

A "sagrada familia" e laboratório de análises

(Continuada de p.º 76)

papuda Martín (Juan) pido al cielo lo proteja cien años.

Afonso XIII.

Como vêem foi um retumbantíssimo sucesso aquele que alcançou a nossa MARIA RITA quando se meteu a tratar o assunto das Conservas Matozinheiras.

Isto, é claro, encheu-nos de um orgulho muito mais claro e fino do que o azeite empregado nas conservas.

Mas não há bonita sem senão. E foi por isso que recebemos ao mesmo tempo uma centena de

Reclamações

E a nossa lealdade leva-nos a destacar aquelas que mais impressão nos fizeram:

Fomos procurados em primeiro lugar pela rainha das conserveiras que apareceu na redacção desorientada e com a coroa posta na cabeça à laia de canastra. Mal entrou disse-nos assim:

—Antão vocês, sem a minha *impermiação* dão-me um *home* assim do pé prá mão? Vocês sabem lá se eu *minclino* pró sr. Martins. Ele é casado e a mulher não é pra brincadeiras. Eu *cando* adregar de ter um *home* quero cá da forma do meu pé. E se vocês *cuntinuan* a *chuchar* comigo corto-vos a cabeça como faço às sardinhas.

Pouco depois entravam na nossa sala, os *Xenors Xuan Perez Lafuente* e *Giuseppe América*, com caras de nenhuns amigos.

O primeiro, como espanhol que é, vinha *azañado* de todo; é o segundo, fascista de nariz e coração, sobretudo

de nariz, trazia no chapéu o retrato de sua alteza o Duce Mussolini.

Chegaram, sentaram-se e começaram a falar os dois ao mesmo tempo, de maneira que quási não percebemos



Uma «La... quente» de sardinha que nunca mais seca

nada. O que apuramos aí fica; dizia o espanhol:

Jo xou reprexentante de mim mismo. Pero América reprexenta médio mundo e Dios. E ustedes no bosso xornal nun pidiram nuestra opinion.

E o outro só dizia:

—Si: Questo vá ben.

—Permita al cielo (continuava o espanhol) que la mar no tenga ni más una sardina e despues se va la gana.

Desfizemo-nos em desculpas, ao mesmo tempo que o italiano fazia

cruzes com os dedos beijando-os em seguida.

—Maldicione! maldicione!... Il Duce!...

Outras ainda

Confessamos que estávamos alagados de suor quando estes dois dignísimos representantes da raça latina abandonaram as salas da nossa redacção. E estávamos a pensar como nos salvaríamos se aparecesse por ali qualquer dos muitos gregos e troianos que trabalham em Matozinhos, entre eles um que é a sombra negra do Dr. Leonardo Coimbra, porque se chama Papa Leonardos, ou o Charanampoupos, quando nos bateram ao ferrolho, nada menos do que uma campanha inteira.

Fomos abrir a tremer e apareceram-nos de frente mais de vinte criaturas rodeando um velho de pêra branca, com um molho de *Chaves* na mão.

Eram nem mais do que

Os Serranos todos

de Matozinhos.

O tal da pêra era o pai, que além de ter dotado a terra Matozinheira com quatro fábricas de conserva, dotou a pátria com mais de um quilómetro de filhos, como diz o Zézinho brasileiro.

Entraram. Iam para falar todos ao mesmo tempo, mas afinal quem tomou a palavra foi o Chaves:

—«Vimos aqui em comissão demonstrar à MARIA RITA, senhora da

nossa maior consideração e respeito, a nossa mágua por vermos esquecido o nome da familia mais numerosa e conserveira de Matozinhos. E se não fôsse porque dois dos nossos Serranos estão ligados indirectamente a um dos seus directores, promoveríamos novas eleições e com certeza a escolha do monarca conserveira recairia aqui no nosso patriarca».

Desculpamo-nos como podemos, e quando eles saíram, ficamos a pensar na incongruência das sortes: então os Serranos vivem todos do mar?

Ainda estabelecíamos paralelos acêrca desta incontroversia, quando rompeu pela nossa porta dentro, desabrida e formidavelmente o

J. Taveira

Não sabemos se V. Ex.ª conhecem o Taveira? E' um tipo muito gordo de carnes, que vende fôlha de dia e carvão de noite. Nunca usa gravata. Usa sempre laço de gato.

Pois êste cavalheiro que vinha de mãos a abanar, deu-nos a impressão que se fazia acompanhar de um bengalão enorme, tal o rompante com que nos disse:

—Então os senhores atrevem-se a dizer que o Rei das Conservas tinha lata que chegasse, quando eu todos os dias lhe vendo 100 caixas com a maior das facilidades?

Isso é uma mentira, e eu exijo um desmentido formal. Não admito igualmente que vocês tivessem caricaturado o Benjamim Especial, quando êle não admitiu que o Cruz Caldas lhe tirasse o talho. Isto tudo lhes peço que des-

digam na vossa gazeta, quando não arranjo com que a MARIA RITA não entre numa única fábrica de conservas.

E o Rei da Lata foi-se embora puxando estúpidamente pelas pontas do pobre laço que não tinha culpa nenhuma.

E aqui teem V. Ex.ª o que nós arranjam com a página conserveira que publicamos outro dia. Que esteja destinada a esta uma melhor sorte, são os nossos desejos mais sinceros, pois nos propomos a não abandonar êste assunto enquanto não vierem parar à nossa redacção pelo menos 100 latas de conserva.

J. A. A. Barbosa



Um homem que se «consoiciou» depois de 24 anos de casado

Visitem **ESPINHO**—Magnífico Casino

Albano Ramos Pais & Filho
ALTA COSTURA

Alfama de veludo e roupas bonitas
Rua Sá da Bandeira, 100 — PORTO
Teléfono 4000

A baleia

A baleia é um mamífero que se pesca mas que... não vai na rede... Para pescar baleias são necessárias umas partes gajas.

Não quero que os leitores da MARIÁ RITA fiquem sem saber como se pesca tal bicho nos Açores e para isso se transcrevem as palavras do correspondente do *Diário dos Açores* na Ilha das Flores, e que na sua secção noticiosa de 7-8-1933 nos conta, num português *perfeitissimo*, tão difícil pesca.

Fala o *ilustre* cronista

Notícias das Flôres

Baleia

Nas Flôres e na presente quadra do ano, a baleia é o que em boa verdade se pode chamar o caso do dia.

Assunto que nunca envelhece, porque succedendo-se as baleias umas ás outras, assim a conversa, embora girando sempre á rôda do mesmo assunto, vai tambem tomando um ou outro aspecto, conforme o que á volta da caça da ultima se passou.

Caramujos em Santa Cruz, Arnaldo ou Angelo nas Lagens, são figuras de sobra conhecidas em toda a ilha.

Oficiais sem farda nem capacete, as suas espadas são os enormes e afiadíssimos arpões com que prendem, para depois matar, os perigosos cetáceos.

Manhã cedo, muitas vezes o sol ainda não nasceu, e já as vigias puzeram tudo em alvorôço.

Buzinou para a baleia.

Salta-se da cama, mal que ha tempo para lavar os olhos e cada qual, munido do seu binoculo, se põe a postos. Ao longe, as canoas, de linhas elegantes e velas desfaldadas, seguem para o Norte ou para o Sul, logo se sabe se a baleia está para um ou outro ponto.

Blau!... Blau!... que em linguagem baleeira significa baleia á tona de agua. durante horas e horas, os mirones, firmes nos seus póstos, procedem assim, para aqueles que não teem a felicidade de possuir um binoculo, as noticias do que ha muito ao longe, mar alto, se vai passando.

Até que, em certa altura, da vigia novamente a buzina se ouve e toda a gente diz, porque toda a gente sabe, que é baleia trancada.

Antigamente, quando a Igreja tinha

a sua soldáda, até o sino da torre dava sinal.

Hoje, abraça-se o oficial trancador, cujo regresso com grande ansiedade foi aguardado no porto, onde dá os ultimos esclarecimentos. E' o que vem succedendo na Vila das Lagens, onde graças ás duas companhias que ali existem e a uma terceira que está em organização, a população se dividiu já, como era natural, nos respectivos partidos. E' que o povo das Flôres dá o cavaquinho por um partido. E é afinal este o seu lado fraco. A' falta, pois, de outros, meus senhores, vivam agora os partidos da baleia e vivam tambem e sobretudo as florentinas lagenses, criadoras e principais animadoras dos novos partidos.

Pela descrição feita pelo ilustre correspondente, fica-se sabendo que as baleias se succedem umas ás outras... naturalmente, formando a dinastia das baleias; que os lagenses só lavam os olhos nos dias de baleia e que todos fazem Blau... Blau... munidos dos binóculos...

Que há nas Flores os partidos por causa das baleias e... porque os lagenses dão o cavaquinho por um partido; que as florentinas lagenses são as criadoras dos novos partidos. Como não lhes deu para serem criadoras de baleias... o caso passa sem reparo de maior.

Dr. Pretito.

Os impossíveis dêste mundo

- Amarrar um pacote com um fio de azeite.
- Dormir um sono no leito dum rio.
- Tirar um eliché com uma máquina de costura.
- Tomar um banho-maria.
- Esperar que amanheça dentro do túnel de S. Bento.
- Plantar flores num vaso de guerra.
- Abrir a porta com uma chave de parafusos.
- Temperar a comida com sal de azedas.
- Beber um refrêscico de água oxigenada.

Pirilau.

Mariana um certo dia,
Tropeçando, zás, caiu.
...Um vento forte fazia
Eu não sei o que se viu,
Que tôda a gente se ria...

Fagulha.

Coisas do meu monóculo

O Barata

Conhecem o Barata? Não?

Pois é um animal tão humano, que se recebesse em pleno dorso uma pãzada de pôs de Keating não ouvia, não sorria, não tremia.

O Barata é um homem, como podia ser uma mulher, que viveu na cidade dos cinco pês (peixões, postas, pirinhas, pataratas e picadores), na rua do *Pai Amante*, n.º 22222, 1.º andar, lado esquerdo quem desce pelo corrimão.

Pois o Barata, a-pesar-de débil como um caranguejo desmamado e frágil com uma alça de *Soutien-gorge* é, inconscientemente, um bom ponto.

Certo dia de sol, quando passeava sózinho na Avenida da Luz, uma Senhora de peitos graníticos, chegou-se a ele e, entre sorrisos, perguntou: — O Cavalheiro diz-me que horas são?

O Barata puxou da cebola sem grelo e mostrou-a à Dama.

Esta, reparando na situação obscena dos ponteiros, corou, soltou um *O* púdico e partiu.

O relógio estava parado na *Uma e um quatro*.

Amigo Barata não gosta do bicho fêmea. Sempre que na rua chamam a sua atenção para uma *bela posta*, êle responde uma só frase:

— Tôda a mulher não passa dum *guadamecim*!

Pobre Barata! A sua morte foi das coisas mais trágicas que eu conheço.

Uma noite, ao deitar-se, deparou com uma esplêndida mulher no seu leito. Gago, gritando: *pardal pardo porque pãbras*, caiu de borco num objecto cheio de água pertencente à família dos violérios.

Lá fora batia a meia noite. Dentro, o Barata batia a bota e a Senhora batia com a cabeça pelas paredes.

Fernando.

* Vide: 1.º volume do Dicionário Cândido Figueiredo, págs. 976.

A Adega Ideal do Lavrador

doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vítor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — MATOZINHOS. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-de-São); Trav. da Rainha, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vítor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — MATOZINHOS. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Um torneio infcio. Muitas esperanças e algumas desiluições. A "Pinga" continua proibida de transitar, ao passo que os "golos" teem entrada franca

No último Domingo, o campo do Lima, teve tanta gente que até os directores da casa proibiram os sócios de se sentarem. Para o fazerem, aqueles que as pernas não agüentariam três horas de pé, tinham de ir comprar assento à bilheteira. E houve sócio, coitado, que teve de gramar aquela infindável tarde de pé, e a enfrentar um sol que metia dô!...

Ai senhores! Quem nos dera no tempo do amadorismo em que a gente podia entrar no seu clube à vontade e sem que ninguém se lembrasse de o chamuscar ao sol durante uma tarde toda!...

Mas agora, está provado, o dinheiro é todo pouco para pagar aqueles que dão pontapés em tudo e por nada!

Porque diabo será que os clubes recebem todos os meses a sagrada quota dos seus contribuintes?

Dará êsse pagamento apenas o direito de ser *claqueiro*?

Não sabemos; mas quere-nos cá parecer que muito em breve em vez de clubes de *Foot-ball* haverá apenas no Pôrto *Empresas de Foot-ball*.

E nesse dia estará certo, porque nós já ficamos sabendo que temos de pagar, e sabemos de antemão que quem joga recebe o suficiente para viver dos pés.

Falamos como sócio e não como jornalista, porque nesse caso não nos caberiam na bôca as palavras de gratidão para todos os clubes que nunca nos mandaram um livre trânsito.

O infcio do torneio cujo

Era precisamente meia hora depois da marcada e ainda não tinha começado a função. Verdade seja que o Salgueiros só entrou em campo 40 minutos passados e muito arrastadamente!

A nós deu-nos a impressão logo de começo que êste grupo anda muito mal untdo...

— Será assim, ó Viriato?...

O jôgo Coimbrões-Salgueiros

O primeiro grupo alinha sempre bem, porque quasi todos os seus componentes são ferro-viários. Já o mesmo não acontece ao Salgueiros, que teve de mandar o Alipio para a defesa, por ser o mais gordo da equipe.

E era certo e sabido que quando havia perigo em frente às rêdes, vermelhas o Alipio alipiava logo.

A linha dianteira do Coimbrões fazia prodigios: parecia uma linha dupla e tornava por vezes a defesa do Salgueiros em via reduzida.

E os *goals* foram subindo de parte a parte. E já muito no fim, ainda ninguém poderia futurar quem chegaria primeiro. Dava a impressão de um combóio mistério!...

Só houve sóco duas vezes. Foi pouco para jôgo tão importante que o Coimbrões não conseguiu ganhar, apenas, por lhe faltar carvão na máquina.

O Salgueiros também precisa de óleo novo para não enferrujar as pernas. — Não é assim, ó Viriato?...

Nesta altura comemos um pão com queijo, contando com a respectiva pinga...

Iamos entrar na outra metade da tarde; naquela em que o Pôrto apresentava a prata da casa.

Somos daqueles que quando vamos ver o Pôrto jogar levamos um carnetinho para assentar os pontos obtidos. Por isso, instalamo-nos convenientemente e dispusemo-nos a ver jogar o Pôrto contra um adversário de papelão, como é costume cá com os do burgo.

Quando deram entrada em campo os jogadores, vimos logo que tinhamos de comprar uma cerveja porque o Pinga não aparecia. Os do Académico, todos de branco, deixaram de ser Zebras, e pareciam noivas a estrear.

Alinharam. E pela primeira vez desde que nos conhecemos, vimos o Pôrto sem um único estrangeiro! Gostamos, porque a verdade é esta:

"Prefiram Produtos Nacionais"

Quando começou o jôgo, no campo, deu não sei quê aos espectadores que se começaram a desafiar uns aos outros. Chegou a haver murros em antes de entrar o primeiro *goal* o que é raro, felizmente.

Não sabemos onde o Académico foi descobrir tantos homens do mesmo tamanho, o que sabemos é que êles eram todos de um metro e oitenta para cima.

Dizem as gazetas desportivas que durante a primeira parte o jôgo teve equilíbrio; teve sim senhor. Tanto equilíbrio que o Académico chegou a estar na corda bamba, e terminou a primeira parte a perder por um a zero. Verdade seja que o Soares dos Reis parecia uma escultura do Teixeira Lo-

pes quando se dependurava por um braço na baliza superior.

O Carlos Alves e o Nunes, desde que cortaram as relações entreteem-se a ver qual consegue burlar o outro mais inteligentemente, prejudicando o jôgo dos seus grupos.

Cá por nós quem tem a culpa disso, é a digníssima assistência que premeia com palmas a falta de *association*. Está, porém, provado que, entre nós, os capitães não teem nenhuma autoridade sôbre os seus jogadores. E um dos dois é capitão!...

Para amenizar o quarto de hora de espera, houve diversas cenas de pugilato e muitíssimos insultos.

O Serafim do Salgueiros, já tinha saído do campo acompanhado por dois polícias. E atrás de nós, num camarote, esboçava-se uma questão de família, que no fim do encontro deu resultados lamentáveis. Faz falta uma banda de música, não faz?

O Académico trouxe no seu elenco, agora, um húngaro, que parecia um candeeiro de iluminação pública.

Diz o Szabo que o nome dêle na terra quer dizer *lôbo*. Cá para nós pareceu-nos um cordeiro, e quem era o Lôbo era o Avelino.

Mal começou o jôgo, os homens do Pôrto desataram a meter tantos *goals* que o Domingos, o guarda-rêdes académico, parecia um dia santo de guarda... às rêdes.

E já ia quasi a 4 e 1 a favor do Pôrto, quando o húngaro disse não sei que em inglês ao Tamanqueiro, e aí vai disto: ainda não tinham terminado os 45 minutos já o Académico estava também com quatro pontos.

O delírio na assistência atingiu o rubro. Fervilhava o murro; e o insulto era mais soez do que o Canal do mesmo.

E' claro que entre todos os assistentes, alguns havia que tinham dado o seu dinheiro por bem empregado, visto que tinham assistido a um desafio onde os contendores se esforçaram por vencer e onde o incontestável valor do Pôrto foi domado por uma vontade de ferro e uma energia raras em grupos cá do Norte.

O jôgo dos acadêmicos, é por enquanto um pouco *atamancado*, mas pode ser que o tempo o faça subir de craveira. E oxalá que assim seja porque nesse dia teremos dois grupos de boa categoria intra-muros da cidade, e de vez em vez, poderemos assistir a desafios sem nos preocuparmos com vencimentos de *records* de *goals* a que estávamos habituados.

E se alguém quiser que façamos parte dos prejuizos que há de dar o próximo Pôrto-Académico, estamos dispostos a isso com imenso prazer.

Zé das Botas.

**Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é con-
tribuir para a sua expansão ::**



A PENSAR MONTOU UM BARRÃO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

ANO N.º 30

DIRECTOR: ZÉ CABANCHO

REDACTOR: REI DAS MUSAS

21 DE OUTUBRO DE 1932

QUADRO DE HONRA

**OTROPAVLIS
OTTER
SEPOL
OINOTNA**

Decifrações do n.º 28 — 1) Vava, 2) Zé d'Artimanha, 3) Almário, 4) Salapismo, 5) Mandanela, 6) Barboleta, 7) Couracado, 8) Sobela, 9) Velancia, 10) Vejamim, 11) Espírito, esto, 12) Políça, poça, 13) Bifada, bida, 14) S. João da Pesqueira, 15) Vale Passos, 16) Oliveira do Bairro, 17) Casado, 18) Alimal, 19) Chapa gonha, chapa batida.

Decifreadores — Otopavlis, 19; Otter, 19; Sepol, 19; Oinotona, 19; Serigaita, 18; Rei Fera, 18; Amil, 18; Dília Galo, 18; Rei do Orco, 18; Busina, 18; Reirobi, 18; Rei Tinto, 17; F. Rodrigues, 15; Monteiro II, 15; Fanstama Negro, 15; Amarantino, 14; Feirante, 11; Jarb, 11; Lérias, 10; Xenofontes, 10.



Enigma em verso

(1)
A minha parte primeira
Do bucho tem a função;
A segunda e derradeira,
Mostra o que faz a torreira,
Dum sequioso verão.

E o meu todo preparado
Com rouge, baton e arminho,
Fica todo perfumado
Tão dengoso e arrebicado
Que até me chamam *pãozinho!*

Busina.



Charadas em verso

(Ao amigo redactor desta secção)

(2)
O confrade Rei das Musas
É um magnânimo senhor! — 1
Tem uma coroa de luz
E um soberbo resplendor.

Tem dotes seu coração,
Superiores aos dum pápa,
E a sua enorme riqueza,
Ganhou-a ao *jôgo* do rapa. — 2

Perdeu um braço na guerra
Por ser audaz, destemido!
Agora tem um postiço
Que ao corpo traz unido.

Rei do Orco.

(Ao confrade Adriano X. Nel, retribuindo)

(3)
Realmente o Valdemar
No futebol é portento!
Mas... se sorte não levar, — 1
De-certo é asarento.

Agora como estradista
Qual julga ser o melhor? — 1
Ponha lá o *rol* à vista, — 2
E não hesite, senhor!

Fique sabendo, confrade:
Nesta volta a Portugal,
Foi o pequeno Trindade,
O maior *Az do Pedal!*

Sepol.

(Retribuindo ao grande Otopavlis)

(4)
Já que fui desapossado,
Do lugar que conquistei,
Espere lá um bocadinho, — 4
Que em breve lá voltarei!

Tenho andado arreliado
Trabalho e trabalharei
P'ra voltar ao mesmo estado, — 2
Onde já tanto brilhei!

No entanto, camarada
Por sua linda charada
Que mostra quanto é sensato,

Parabéns lhe venho dar
E também lhe demonstrar,
Que me sinto muito *grato*.

Otter.



Novíssimas

(A' illustre Serigaita)

(5)
Faça uma *prece* para que o *combate* seja favorável à *mais forte*. — 2, 2.

F. Rodrigues.

(6)
O *gago* entra na *relação* que *figura* no *quadro de honra*. — 2, 2.

Oinotna.

(Agradecendo a Otopavlis antigo colega do charadismo a sério)

(7)
O *óleo* deste *batraquão* cura a *lepra* e *aplica-se* como *remédio de curandeiro*. — 1, 2, 1.

Adriano X. Nel.

(Ainda a provocar o Olegna)

(8)
Esta *coisa* de v. dizer que, sempre que *lhe agrade*, *arranja* uma *velha abastada*, não deve ser *verdadeira*. — 2, 2.

Busina.

Aumentativa

(9)
Faça *cerume* quando *trabalho* à *noite*. — 2.

Nau-Nau.



Eléctrica

(Agradecendo à eximia Serigaita)

(10)
Conduz o *homem* com *ternura*? — 2.

Reirobi.



Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(Ao charadista Sepol)

(11)
SEREI AZEMOLA I VIDÉ?

Jarb.

(Ao confrade illustre Reirobi)

(12)
ARVORAI-O D. REIROBI

Horaciano.



Tipográfico

(19 letras)

(13)
U
K
SABADO
50 + 50 B

Sepol.



Provérbio a adivinhar

A filha da Guimar
Que é de porte exemplar
Virtuosa e é muito dada,
Há dois anos 'stá casada,
Com um certo figurão,
Que é um grande borrachão!
Ela muito se arrelia,
Pois, teme que qualquer dia
Ele seja atropelado
E logo seja enviado,
Para a morgue já sem vida!
Há dias disse-lhe eu — Qu'rida,
— Não há p'rgo, podes crer,
— Pois que sempre ouvi dizer:

Serigaita.

Colega MARIA RITA:

Começaram os exames na Universidade. Sempre que há exames, há anedotas. Ai vão algumas:

Em medicina:

O Mestre — Examine o doente e diagnostique.

O aluno para o doente — Você tem viajado muito?

Mestre — O senhor não está bom. Que tem as viagens com a doença?

Aluno — Muito. Assim, se ele viesse do Brasil podia ter a febre amarela; da África, a doença do sono; da França, a sífilis e da América do Norte...

Mestre — Da América?

Aluno — O *Delirium tremens*...

Em medicina:

— Qual o veneno de efeitos mais fulminantes que conhece?

— Os partidos políticos!

Num exame de geografia:

— Qual a terra a que se costuma chamar o celeiro de Portugal?

— A moagem, senhor doutor!

Ontem fui ao cinema. Junto de mim conversavam dois jovens, jovens na aparência, pois já deviam contar uns bons pares de anos.

— Então onde passaste o verão?

— Num lugar delicioso, meu velho. Imagina, um pequenino buraco perdido entre vales suavíssimos. Um pequenino buraco no fim de um caminho suave, um pequenino oásis perdido numa grande planície...

— Ah! É a propósito, como vai a tua mulher?

Julinha tem 18 anos, 18 primaveras floridas, como diria qualquer cronista elegante. É culta e toca piano. Tem uma queda especial para as matemáticas e sobretudo para os ângulos rectos, simpatiza com os agudos e não desdenha os obtusos. Enfim, toda ela é angular, apesar de redondinha. Julinha é católica e como boa católica que é, confessa-se de vez em quando, cumprindo assim com os mandamentos da Santa Madre Igreja.

Há dias, Julinha foi confessar-se. = Pequei. Deixei-me abraçar pelo meu namorado.

O Padre:

— Sim! E depois?

— Achei o abraço agradável. O meu noivo obrigou-me a sentar junto de êle...

O padre, cada vez mais interessado:

— E depois?

— Prendeu-me pela cintura e beijou-me demoradamente nos lábios...

O padre, com ansiedade:

— E depois?

— Depois, entrou minha mãe...

— Ora bolas! — exclamou o padre dando uma forte pancada nos joelhos.

Abriu a Universidade com sessão solene na Sala dos Capelos. A fina flor dos nossos mestres — ah! Damião! — estava ali representada. Música! Foguetes! Enfim, uma festa completa.

Permite-me, MARIA RITA, outro parêntesis. Não posso deixar de responder à tua leitora «Elia».

Agradeço-lhe, senhora minha, a pronta resposta à minha pergunta, à pergunta que lhe fiz nesta secção, há dias.

Você foi amável, foi gentil. A sua cartinha azul-pálido, deixou-me pálido e azul. Você deve ser bonita. Só as mulheres bonitas sabem escrever cartas como a sua. Diz que é loira. Mas, permita-me outra pergunta: Quantos frascos de água oxigenada já gastou? Vá, não se zangue! Uma mulher bonita torna-se feia quando se zanga. E você, por certo, não quer parecer feia! Vou terminar. Terminar é descer o pano. Vou, pois, descer o pano sobre a comédia desta nossa correspondência.

E só lhe peço que não volte a escrever-me nesse papel azul-pálido. Sim, porque pálido já eu sou de natureza e não quero ficar mais pálido ainda.

E azul... bem basta a Lógica que me traz azul de todo.

Até à semana, MARIA RITA.

Abraça-te o

Mil Reis.



Contra a prisão do ventre

Tôda a gente sabe — e se não sabe, é burro! — que prisão é exactamente o contrário de soltura. Aquele ou aquilo que está preso, não está solto — e vira o verso.

Quando um fulano está preso, também o está o ventre do referido tipo, por que não se pode separar a parte do todo, como o Dr. Afonso Costa fez... (cala o bico!)

Mas, quando um ventre está preso, não quer dizer que esteja tudo engavetado (já pouco falta!), nem que a prisão consista em se encontrar aquela parte encerrada no estôjo que a Natureza lhe ofereceu. Está preso, porque... porque... não conseguiu soltura.

Há vários meios para dar liberdade ao ventre, sem falar nos perdões do Cinco de Outubro e da Semana Santa: os decretos laxativos, os comprimidos (para os oprimidos), os lubrificantes de mamona, etc. O mais radical (isto não é piada política) e de resultados garantidos é o processo que vou indicar:

Engole-se um policia-sinaleiro, com o pauzinho já espetado e com ordens apertadas. Logo que êle se apanha no ventre do engulidor, desaperta-se e põe tudo quanto lá está dentro a circular, que é uma beleza!

Não devem nada pela lição...

Bisnau.

CARTAS IODADAS

Boa MARIA RITA

continua

A chover, a chover continuamente.

Há quatro dias que não saio à rua.

Metido em casa, aborrecidamente.

Ai! que saudade imensa das manhãs

Tão formosas e claras de Setembro!

Adeus ninfas garridas e louças...

E tudo o mais que já nem bem me lembro

Com um dilúvio assim, podes tu crer,

Eu chego a ter saudades de Lisboa...

Dos passeios no Chiado, ao entardecer,

Quando passam «mamizeis» gentis e «boas».

E nesta solidão aborrecida,

Apenas me contenta, acredita,

A terça-feira alegre, apetecida,

Em que tu vens, boa MARIA RITA.

E o resto da semana, aperreado,

Passo-a eu, entre o quarto e a janela

Mirando certo rosto agarotado,

Duma «mademoiselle» airosa e bela.

Emfim, como vês, é um horror

Este final de sossegadas férias...

Espero, no entanto, com ardor

Melhor's dias, amiga. Adeus.

Lérias.

Para pintar paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-11 - Tel. 3521

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

Beatriz ficou pasmada
Na noite do casamento
Por se ver muito deitada
N'uma cama Nascimento.

recebemos mais as seguintes quadras:

Tôda a gente p'ra ai diz
Haver grande jagodeira
Pois Nascimento e Beatriz
Vão para o «Sá da Bandeira».

Amarantino.

Vai ser de grande espavento,
O «Sá» com a Beatriz;
Não faltando o Nascimento
Que vai ouvir muito «bis»...

Sacripanta.

Que bela quadra outonal
Vamos ter; que luzimento!...
Parelha piramidal,
Beatriz e Nascimento!...

Nabiça.

Beatriz; se nos meus braços
Tu caisses um momento,
Prendia-te nos meus laços...
Roubava-te ao Nascimento!...

Rei dos Nabos.

Beatriz e Nascimento
Quando os dois stão de maré,
E' ver-lhe o contentamento
Ao cantar o «burriê»!...

Francisquinho.

Grande «estrela» a Beatriz
E grande «ás» o Nascimento
Se este perde, por um tris,
Aquele ganha... portento!

Agá Larbac.

Pôrto vai ver, sem canseira,
Nascimento e Beatriz.
Bilhetes na bilheteira,
Já não há, ao que se diz...

Lérlas.

Nascimento e Beatriz.
São sempre dois bons artistas.
O Pôrto agora é feliz
Porque tem «Fogo de Vistas».

Elmano Siamor.

Só nove meses passados
Da noite do casamento
Beatriz teve os cuidados
Da hora do nascimento.

Zé Lorpa.

O grande actor Nascimento
Já está no «Sá da Bandeira»,
Agarrado à Beatriz,
Uma artista de primeira.

Confra.

Beatriz e Nascimento,
Em breve nos vão mostrar...
...As provas do seu talento
Numa noite de luar!...

A. H. da S.

Beatriz, eu tenho fê,
O' há de acabar o tormento.
Se cantares o Burriê
Em honra do Nascimento!...

Alberto Henriques da Silva.

Vamos ver a Beatriz,
Filmada com o Nascimento
Mandaram vir um petiz,
Já estava no entroncamento.

O. M.

Eles sabem fazer a fita
São artistas de talento
Tu vais ver MARIA RITA?
A Beatriz e o Nascimento.

Octávia Maria.

Faz lindo «Fogo de Vistas»
O Nascimento brejeiro.
E a Beatriz das revistas
Também faz fogo... rasteiro.

Olegna.

Teve a esbelta Beatriz
Enchentes no «Mexilhão».
Por isso o povinho diz:
— Nascimento, olha o balão!

Zé Menes.

Caçador amador:

Quando ouço o caçador,
Ouço a *blague*... a mentira...
Não acerta, quando atira,
Porque lhe falta o melhor:

Na campina, ao arredor,
Não há caça que ele fira!...
Logo, a mentira, anda em gira,
No caçador amador!...

Eu conheço um fulaninho,
Com arma boa, e bom cão,
E não mata um passarinho!...

Para meter, o palão,
Compra a caça, no caminho,
Ou vai comprá-la ao Bolhão!...

Alfredo Cunha (Raza).

Vem comigo ó Beatriz
Deixa lá o Nascimento,
Vem fazer outro feliz,
Quero ver o teu talento.

A. R. A.

Maldita hora, Beatriz
Foi a do meu nascimento.
Por tua causa já fiz,
Uma mona no instrumento.

A. R. A.

Há coisas que por um tris
Não toldam o pensamento:
Ser actriz a Beatriz
E morrer o Nascimento.

Imperfeita.

O Nascimento ao morrer
Disse assim à Beatriz
Depois do meu passamento
Vive tu muito feliz.

Marmelada.



O 2.º prémio de 20500 foi atribuído à quadra de Zé Lorpa por ser a mais aproximada. Não há distribuição do 1.º prémio.



Mote para o próximo número.

Na quadra a elaborar devem figurar as seguintes palavras:

MACACO e BANANA

Haverá três prémios de dez escudos cada, atribuídos às três melhores quadras, não havendo desta vez quadra na redacção.

Quadras

E's menor e, assim, te assustas
Porque um só beijo te peço?!
...Eu não quero pagar custas
E selos d'algun processo...

Olegante, tu me cinges
Se te beijo: Já o espero!...
...Mas queres mais do que finges
E eu linjo mais do que quero.

Ele casou, mas não sabe,
(Paradoxo por sinal)
Que embora caiba, não cabe
Na porta do seu quintal.

Beijar não custa... disseste;
Só custa deixar beijar...
Mas os beijos que me deste
Custaram-me... um colar.

Dr. Pretito.

Teatro das

CINEMATOGRAFICAS

"Sob o manto diáfano do Humorismo, o arrocho têsso da Verdade"

SÁ DA BANDEIRA

Fogo de vistas, revista em vários quadros e quadrinhos

A peça

Fogo de vistas é uma revista que tem muitas poucas *vistas* e nenhum *fogo*; a não ser um fogo extinto, já feito cinzas frias — mas das quais nunca renascerá a *Fenix* do interêsse, da graça e da originalidade. Começa por um prólogo (aqui, o prólogo é no principio!) que cai em cima do público como um balde de gêlo derretido.

Foi boa peça para estreia duma companhia? Indiscutivelmente; José Loureiro tem dedo para estas coisas, conhece de teatro como ninguém e sabe adivinhar (novo Tahra Bey das lides teatrais!) os gostos das plateias. E se, na *première* da revista, o público não delirou de entusiasmo, se esteve glacial e reservado e se saiu do teatro com cara de visita de pêsames, não foi pelo fracasso da peça — mas sim (ô fatalidade das fatalidades!) pela noite frigidíssima que estava e pelo receio, que se apossou dos espectadores, duma chuva de estrêlas cadentes e... decadentes, já que tão estrelado é o elenco da Companhia.

O primeiro acto começa a correr; a correr, é como quem diz — começa a deslizar brandamente, parando aqui num *intermezzo* de monotonia, esbarrando acolá num mar de lágrimas, já que a nota triste, plangente e noivado-sepulcristiana, cemiterial e cantochão-nésca, é ali freqüente. O segundo acto desliza ainda mais brandamente, como um caracol a trepar por uma parede. Os nossos revêlisteiros deram agora para fazer das revistas tragédias shakespeareanas e dramas comoventes. Anda no teatro tudo invertido.

O público assiste à *Fogo de vistas* cada vez mais frio; nem o nu quasi paradisiaco das figuras femininas o aquece. As *girls* (*grelhas*, em português) — tendo à frente a Elisa Amélia,

a decana das coristas portuguesas, com 115 anos de teatro — não despertam os sentidos dos espectadores. Só a encenação — que pertence a sr. D. Rosa Mateus — é que impressiona os olhos do público.

Desempenho

Beatriz Costa, 10 valores; Maria Salomé, 100 valores; Elisa Carreira, 20 valores. Teresa Gomes, 20. Georgina Cordeiro, 0; Aurora Amendoim, 1; Maria Ema, 5; Nascimento Fernandes, 3; Erico Braga, 6; Alvaro de Almeida, 12; Santos Carvalho, 15; Jorge Grave, 8; Bailarinos, 6.

Plásticas

Beatriz Costa, 5 valores; Maria Salomé, 100 valores; Elisa Carreira, 30; Georgina Cordeiro, 60; Aurora Amendoim, 12; Maria Ema, 60; Coristas: Maria Pinto, 20; Claudina, 70; Elisa Amélia, 3; as restantes, 34 1/2; Bailarina Moia, 13; Bailarino Falcoff, 15; O pequeno Alcibiades, 10; A pretinha, 10; O cãozinho da Maria Ema, 10.

Balancete

Peça, 5 valores; Música, 7 valores; *Claque* pelo seu esforço, 200 valores; *Montagem*, 12 valores.

Ditos de espirito, 5 ditos; *Piadas* livres, 4; *Gargalhadas*, 3; *soluços* 9; *lágrimas*, um cento.

Novas ecos & boatos

Chegou a primeira companhia teatral cá ao burgo, e os *D. Juans* começam de *conquistar*... Os *tenórios* teatrais de agora não passam duns pançudos e pacatos burgueses que tomam de *empreitada* certas mulheres de teatro, coleccionando-as como quem colecciona borboletas ou caixas de rapé...

— Elisa Carreira, exigiu camarim com dois compartimentos: um para ela se vestir e outro para receber os

seus admiradores. Fêz beicinho e bateu o pé. Bem dizia o nosso confrade e particular amigo Shakespeare: *ô vaidade, o teu nome é uma actriz.*

— As coristas do *Sá da Bandeira* estão sempre em cena num riso pegado. Será para nos darem a ilusão de que a revista tem graça?

— A companhia do *Sá da Bandeira* é toda formada por *vedetas*. A primeira actriz — segundo os reclamos da empresa — é Beatriz Costa. Será; mas a primeira artista na revista é Maria Salomé.

— Porque será que as coristas do *Sá da Bandeira* andam aos pares?

— *Fogo de vistas* e *Feira da alegria* deram em Lisboa um prejuizo de 155 contos. E o Pôrto — a *terra da broa*, na frase lapidar de alguma gente de teatro — é que não é cidade para teatro...

— Os porteiros do *Sá* apresentam-se agora vestidos com pano de bilhar e de luvas à guarda-fiscal.

— Entre os melhoramentos introduzidos no palco do *Sá* conta-se um *W. C.* para as actrizes, que será inaugurado brevemente com toda a solenidade. Haverá um *copo de água*, servido por um grande hotel do Pôrto...

— A Georgina Cordeiro parece que representa por favor e que anda sempre com azia.

— Devido à luz azulinea e neurastênica que agora tem na sala, o *S. João-Cine* vai passar a chamar-se *S. João-Jazigo*.

— Na próxima semana MARIA RITA trará notícias sensacionais.

Sarcey Júnior.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos e 16 quadros *Fogo de Vistas*.
Rivoli: O filme *A canção do dia*.
Olimpia: O filme *A parada dos monstros*.
Trindade: O filme *Vingança diabólica*.
S. João: O filme *Amor à primeira vista*.
Batalha: O filme *A oeste nada de novo*.

Grande Concurso de Outubro

QUAL É O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA?

2.^a SEMANA



O chapéu n.º 1 pertence ao homem n.º.....
 » » » 2 » » » n.º.....
 » » » 3 » » » n.º.....

O chapéu n.º 4 pertence ao homem n.º.....
 » » » 5 » » » n.º.....
 » » » 6 » » » n.º.....

O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA É O N.º.....

Nome.....

Pontos certos.....

Morada.....

(Cortar por aqui)

O concorrente não tem mais que preencher esse questionário de cima e remetê-lo à nossa redacção até ao próximo sábado.

Além disso tem de submeter-se ao plano do concurso de Outubro que abaixo publicamos.

Seis destes cavalheiros, são criaturas completas, que além de serem bem formadas sabem trazer a cabeça no seu lugar. Um deles, porém, quere-se fazer fino e saiu de casa sem chapéu. A policia de costumes viu-o nesse estado e quis prendê-lo. Felizmente a amizade dos outros salvou-o porque resolveram todos tirar o chapéu, e o policia vendo-os a todos de cabeça descoberta, ficou indeciso por não saber qual era deles o que o não trazia.

Em face disto, e em nome do enrascado policia, vimos perguntar aos nossos distintos concorrentes:

Qual é o homem da cabeça descoberta?

E' necessário adivinhar também qual o chapéu que cabe a cada cabeça, não é verdade?

Desta forma, o concorrente tem de mandar o recorte da gravura com a seguinte explicação:

Aproveitando-se dos números que levam, tanto os chapéus, como os cavalheiros, dizer-nos que o número tal (chapéu) corresponde ao número tal (homem) e que o número tal (homem) é o tipo da cabeça descoberta.

1.ºs prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em cheio com a decifração exacta deste concurso que está exposta em envelope lacrado na montra da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.

2.ºs prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em 5 das 6 combinações necessárias além da indicação do Cabeça descoberta.

3.ºs prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam dizer uma vez só qual é o tipo da cabeça descoberta.

4.ºs prémios — A'queles que em nenhuma das semanas acertem com o tipo da cabeça descoberta.

Os valores dos prémios

3 primeiros prémios	de 100 escudos cada um
5 segundos	" " 50 " " "
20 terceiros	" " 20 " " "
" quartos	" " 10 " " "

num total de 1:150\$00 em moeda corrente. E a MARIA RITA a quem promete não falta.

E' entrar, senhores! E' entrar, que vai principiar no próximo número.

Este concurso prolongar-se-á por 4 semanas e durante tôdas elas o concorrente é obrigado a mandar o recorte com a ordem que entender, e os prémios serão distribuidos pela forma atrás mencionada.

Esplêndido — Engraçado — Um concurso da MARIA RITA

Visto pela Comissão do Concurso